

# **INÁCIA LEANDRO: A NARRATIVA NEORREGIONALISTA DE RONALDO CORREIA DE BRITO<sup>1</sup>**

**Thuany de Almeida Matos<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho busca analisar o conto “Inácia Leandro”, do livro *Faca*, de Ronaldo Correia de Brito. Norteado pelas teorias de Antonio Candido, apresentadas em *Formação da Literatura Brasileira* (1975); *Textos de intervenção* (2002); *Literatura e sociedade* (1980); *A educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *Literatura e formação do homem* (1972), abordamos as origens do Regionalismo e sua continuidade no Super-regionalismo e no Neorregionalismo. Sob o prisma dialético, analisamos o relato de Ronaldo Correia de Brito, que transfigura uma personagem feminina por meio do discurso indireto, a partir do qual ela rememora fatos através do espaço e da memória, recurso que propicia uma descrição espacial do sertão. Por fim, conclui-se que o conto analisado pertence à continuidade da vertente regionalista, o Neorregionalismo, já que apresenta a descrição do espaço sertanejo, permitindo uma maior liberdade ficcional, com abertura para o protagonismo feminino e a presença do misticismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inácia Leandro; Regionalismo; Neorregionalismo; Antonio Candido, Ronaldo Correia de Brito.

**RESUMEN:** Este trabajo pretende analizar el cuento “Inácia Leandro”, del libro *Faca*, de Ronaldo Correia de Brito. Guiado por las teorías de Antonio Candido, presentadas en *Formação da Literatura Brasileira* (1975); *Textos de intervenção* (2002); *Literatura e sociedade* (1980); *A educação pela noite e outros ensaios* (1987) y *Literatura e formação do homem* (1972), abordamos los orígenes del Regionalismo y su continuidad en el Superregionalismo y el Neorregionalismo. Bajo el prisma dialéctico, analizamos el relato de Ronaldo Correia de Brito, que transfigura un personaje femenino por medio del discurso indirecto, en el que recuerda los hechos a través del espacio y la memoria, recurso que proporciona una descripción espacial del *sertão*. Concluimos que el cuento analizado pertenece a la continuidad de la vertiente regionalista, el Neorregionalismo, ya que presenta la descripción del espacio del interior, permitiendo una mayor libertad ficcional, con apertura para el protagonismo femenino y la presencia del misticismo.

**PALABRAS-CLAVES:** Inácia Leandro; Regionalismo; Neorregionalismo; Antonio Candido, Ronaldo Correia de Brito.

## **Introdução**

Ao direcionar uma atenção à historiografia da literatura brasileira, constatamos a presença de diversas tendências literárias que surgiram ao longo do tempo, motivadas pela busca da identidade nacional ou pela criação de uma literatura com menos influência externa. No percurso dessa conjuntura estética, o surgimento do Regionalismo está atrelado à criação de uma literatura brasileira propriamente dita,

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português – Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito para a conclusão da graduação, sob a orientação de João Batista Pereira.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português – Espanhol da UFRPE.

ou à tentativa de construção, já que havia o processo de interligação com Portugal, quando o Brasil ainda era uma colônia portuguesa. As discussões iniciais de formação do sistema literário brasileiro são basilares na obra *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, em que ele argumenta sobre a dificuldade de afirmação nacional quando os escritores brasileiros estavam interligados aos traços estéticos do que era proposto pela Europa.

Com a intenção de mostrar o país com as suas peculiaridades e seus aspectos exóticos, percebemos a exploração de suas características naturais nas primeiras obras que transfiguram o local e os expõem para o nacional. É importante destacar que essa noção de Regionalismo foi construída de acordo com o processo sócio-histórico vivido pelo Brasil na época. É perceptível uma ruptura em suas temáticas, visto que, em cada momento, de acordo com a consciência adquirida pelo povo, ela toma forma e se transforma em uma ferramenta de afirmação nacional ou até mesmo de aceitação da transplantação cultural. Portando ramificações em sua gênese, existem subdivisões sobre a origem do Regionalismo no Brasil, que Candido divide em três fases, sendo a última dentro do movimento Modernista. O autor afirma que, enquanto existir subdesenvolvimento, haverá a permanência de características do Regionalismo. Com o surgimento da narrativa de Guimarães Rosa, passa a existir um novo Regionalismo, denominado de “Super-regionalismo”, termo utilizado atualmente como Neorregionalismo.

Por existir uma continuidade da tendência regionalista, existem obras que se encaixam nas características que serão apresentadas neste trabalho, confirmando a ideia de que o país ainda permanece no subdesenvolvimento, que existe importância na valorização cultural local e que é possível trazer esse local para o universal, sem transformar a obra em uma utopia, já que há uma correlação da existência simultânea das regiões urbanas e regionais. Nesse sentido, é possível compreender a manutenção do Regionalismo, sua evolução e características marcantes dentro do contexto literário nacional, buscar a formação e a comprovação da existência de uma tendência que versa sobre os mesmos temas e perfis estéticos, contudo, com uma nova roupagem, que, apesar de garantir o seu seguimento, demonstra uma ampliação de fronteiras tanto temáticas, quanto espaciais.

O escritor do conto a ser analisado nesta pesquisa é Ronaldo Correia de Brito. Suas obras fazem parte da literatura contemporânea e versam sobre os temas

regionais. Com isso, buscaremos confirmar sua participação no Regionalismo, como parte da evolução desta tendência, analisando o conto “Inácia Leandro”, do livro *Faca* (2017). Essa investigação é necessária, já que alguns autores acreditam na morte do Regionalismo, limitando sua importância para a valorização da cultura brasileira. A base teórica desta pesquisa é norteada por Antonio Candido e Herasmo Braga de Oliveira Brito, que discutem os conceitos de Regionalismo. Na análise do conto, propõe-se uma visualização das suas características, legitimando as informações levantadas com um embasamento teórico a partir de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, visto que, apesar da gama de estudos sobre a temática, muito se tem a explorar em novas obras e novas abordagens que permeiam o campo do regional.

## **1 O Regionalismo: percurso histórico e subdivisões**

O Regionalismo e suas vertentes têm como conceito a passagem da literatura do plano regional num olhar geográfico para além do socioeconômico e do histórico, considerando o todo em sua edificação. Configurando-o como uma tendência que surge da necessidade de mostrar a cultura do país que viu os primeiros traços do aparato literário como um meio de abordagem da construção nacional, compreende-se que não há restrição para sua formação quando o foco de seu surgimento é pré-determinado de acordo com os fatos históricos e sociais. Não há como separar o seu surgimento da noção de país. Na verdade, podemos entender as divisões temporais exatamente por causar consciência de país novo e, posteriormente, a admissão da existência de um país subdesenvolvido. Se é compreensível aceitar tais influências para a sua concepção, é concebível a ideia de que as características formadas em cada passagem na literatura possuam especificidades, garantindo assim uma distinção que vemos evoluir através do contexto do país.

Em relação aos momentos de ocorrência da tendência regionalista, verificamos a sua presença no Romantismo e no Modernismo. Especificando como ele foi abordado em cada um desses movimentos literários, há um carecimento de conceito quando definimos os períodos em: consciência de um novo país; pré-consciência de subdesenvolvimento ou consciência amena; consciência da crise e, por fim, superação da crise, ou apenas a aceitação da realidade (CANDIDO, 1987, p. 158). No primeiro momento, há um olhar e um conhecimento ou reconhecimento de país

novo, cuja ideia produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico e um certo respeito pelo grandioso, além das características nacionais em que existia a imprescindibilidade da separação do colonizador. A desvinculação do Brasil de Portugal era o foco dos escritores que supervalorizavam a cultura regional e traziam um senso de importância para as regiões do interior, já que associavam a ideia de que o litoral do país era o caminho para a ligação com a Europa. Essa ideia de separação e libertação produz um sentimento de esperança transpassado em várias obras e causa curiosidade externa em relação às especificidades apresentadas.

Dentro do Romantismo existem vertentes que introduziram os aspectos regionais com um olhar de esperança, de novidade, ou até mesmo pitoresco. Um exemplo disso é o “romance romântico”, cuja forma de abordagem regional foi criada para apresentar a natureza e o interesse por costumes e regiões. Segundo Candido (1975, p. 101), o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes; ou melhor, pendeu desde cedo para a descrição dos tipos humanos e formas de vida social nas cidades e campos. Importante destacar que, nessa mesma abordagem inicial, há uma bipartição quando o Indianismo está em voga e, posteriormente, o Regionalismo. O Indianismo como uma vertente que traz a construção do índio como símbolo nacional e o Regionalismo que representa o habitante “rústico” que vive nas regiões interioranas.

Desfocando das distinções das vertentes presente no contexto do “romance romântico”, a figura humana, apesar de presente, era percebida de forma sintética, já que, no processo de transplantação cultural, sofrido devido à influência portuguesa, tudo que se buscava era uma construção de uma identidade nacional. Apesar disso, havia grande ambiguidade nas descrições tanto humanísticas quanto locais, visto que a realidade estava próxima ao leitor. Isso mostra o gênero em um paradoxo entre a fidelidade discricional local e a liberdade ficcional, pois os escritores não viviam a realidade que narravam e artificializavam informações, generalizando “locais” e desconsiderando as distintas realidades das regiões do país (CANDIDO, 1975, p. 116).

Candido não considera de grande relevância as escritas feitas no primeiro momento em que surge o Regionalismo, porém, apesar de não possuir um grande desenvolvimento de constituição estética, este movimento literário serviu como canal

para, no futuro, os escritores conseguirem evoluir as características de forma mais apurada. O romance romântico funcionou como instrumento de descoberta e pode também ser nomeado como “regionalismo pitoresco”, que tem como seus principais representantes os escritores Bernardo Guimarães, Franklin Távora, José de Alencar e Visconde de Taunay. Um dos frutos da supervalorização dos aspectos regionais, que tinha por objetivo apresentar o país como uma “novidade”, foi a literatura sertaneja. Escritores como Afonso Arinos, Coelho Neto e Monteiro Lobato apresentaram em suas obras um discurso que

[...] tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade. (CANDIDO, 1975, p. 212).

No limitado desenvolvimento estético da literatura regional no Romantismo, destacou-se José de Alencar, que logra um salto qualitativo ao superar a descrição local para deixar correr o espírito literário. Candido mostra a influência de Machado de Assis em relação a Alencar e afirma que não podemos estabelecer doutrinas que empobrecem a construção da obra, e sim permitir que o escritor possa tomar as rédeas do seu tempo e país, mesmo sobre assuntos remotos. Com isso, finaliza-se um período utópico para as novas fases do Regionalismo. Autores como Franklin Távora e Visconde de Taunay defendiam uma literatura estritamente regional, como se no país houvesse “literaturas”, e não uma ideia nacional. Essas concepções, apesar de importantes, não seguiram adiante, mas serviram de impulso para o fortalecimento da tendência na década de 30. Dentro dessa etapa inicial, em que a consciência de país novo inspirava os escritores a buscarem independência, conseguimos alcançar um regionalismo mais coeso, contrário à ideia de “unidade nacional”, para fortalecer o senso regional (CANDIDO, 1975).

Compreendendo o estágio edificado de maneira a sofrer influências e não reconhecer por completo a realidade do país, partimos para um outro percurso do Regionalismo, presente no Modernismo, em que a noção de “país novo” parte para a consciência do subdesenvolvimento. O papel da literatura nesse momento era de luta, quando o seu envolvimento com questões de ordem social era notório. A persistência

no Regionalismo vem através do abandono da amenidade e o desmascaramento do encanto pitoresco usado na figura do homem rústico. O período modernista perpassa uma tripartição, como citado por Candido em *Formação da literatura brasileira*. Essa divisão ocorre quando o contexto realista introduz o “romance nordestino”, nomeado de “romance social” ou “regionalismo problemático”. Posterior a esse, contextualiza-se o “realismo social”, considerando os traços locais no âmbito nacional, e, por fim, o “Super-regionalismo”, que permeia diversas obras da literatura contemporânea nacional.

No ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, de 1987, Candido destaca o surgimento do Regionalismo intitulado “problemático”, que tem por foco um romance social ambientado no Nordeste, no qual é desenvolvida a temática da marginalização populacional, mostrando os problemas humanos, seguindo um pessimismo que superava a ilusão patriótica da fase anterior. A busca pela realidade mostra as histórias em que o contexto se construía contrário às classes dominantes, no intuito de resistir ao progresso, entendido como uma forma de degradação aos aspectos culturais por eles valorizados. A demonstração de contrariedades se dá não só pela descrição, mas também pela forma, utilizando um vocabulário popular, causando uma “desliterarização” e expondo termos considerados baixos. Com o reconhecimento dos problemas sociais, a projeção em âmbito nacional os fez tornar conhecidos, causando um alargamento das literaturas regionais e incluindo, através de uma visão ampliada, as regiões diversas em um único país:

A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista”, no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o país ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura (CANDIDO, 1987 p. 187).

Nessa fase mais realista, Candido percebe o nível de importância das obras, mesmo com abordagens diferentes, por apresentarem uma organização mais precisa e coesa, nas quais o realismo ocupava os aspectos que compunham as narrativas. Nesse momento, a prosa traz o cangaço, o jagunço e o sertanejo como símbolos do que é brasileiro. Os gêneros que dominavam são o romance e o conto, que mostravam a decadência da aristocracia rural e a formação do proletariado, abordando também

a luta do trabalhador e a vida urbana e suas dificuldades. Isso converge para que, com os problemas expostos, as obras se transformem em instrumento de pesquisa humana e social. Tudo coopera para afigurar os personagens com traços social, da paisagem e dos problemas políticos.

A descrição local feita num formato fiel, numa tentativa de construção de uma literatura universalmente válida, em que se reconhecia a pobreza, serviu como fórmula para as obras dos anos de 1930 a 1940. Os autores superaram a dependência europeia através de reconhecimento do subdesenvolvimento, escrevendo manifestos estéticos sobre a dificuldade de sobrevivência do povo brasileiro. Marcados pelo engajamento sociopolítico, apresentavam um inconformismo com a marginalização existente. Os romances servem como afirmação de um país que expõe o Nordeste e que pode ser representado por alguns autores, como José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiróz. Considerada como a primeira fase do Modernismo regionalista, as narrativas, apesar de aparentarem uma mesma linha estética, possuíam uma dupla linhagem, em que uns se preocupavam com a forma e outros com a mostra realista do desumano e das valorizações de aspectos culturais esquecidos.

No início da década de 1930, portanto, temos a pré-consciência dos problemas sociais e ao final dela as tendências já reapareciam sublimadas e transfiguradas pelo realismo social, cuja superação do romance urbanizado faz Candido considerar as obras citadas como importantes, ultrapassando a fase inicial do Regionalismo. Após 1940, o Modernismo regionalista se ameniza, devido ao partidarismo adquirido pelos escritores, com a ruptura das preocupações estéticas e políticas. Com a ampliação da nossa literatura, vemos o surgimento da Segunda Fase do Regionalismo no contexto modernista, que podemos considerar como “ainda” vivo, já que engloba o sentido de “local” dentro de uma universalidade. Importa destacar a ruptura temporal existente entre os diversos ciclos em que a tendência regionalista se passa. Esses saltos são importantes, pois demonstram que do Romantismo ao Modernismo e do Modernismo à Literatura contemporânea podem existir obras interligadas por marcas específicas, reafirmando que a ideia do Regionalismo se encontra em plena vigência.

## **2 Tendência contínua ou morta: Super-regionalismo e/ou Neorregionalismo**

Não há consenso quanto à crítica a ideia de continuidade ou de uma evolução do Regionalismo. Refutando essa rejeição, Candido expressa sua permanência ao comentar que:

O regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido. Mas de um certo ângulo talvez não se possa dizer que acabou; muitos dos que hoje o atacam, no fundo o praticam. A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante (CANDIDO, 1987, p. 159).

O fato de muitos escritores ou críticos não aceitarem serem parte da dimensão regional, não confirma o fato de seu esgotamento ou morte. Vemos essa atualização, ou evolução, nas obras de Guimarães Rosa, precursor da vertente “Neorregionalista” ou “Super-regionalista”.

[...] é forçoso convir que, justamente porque a literatura desempenha funções na vida da sociedade, não depende apenas da opinião crítica que o Regionalismo exista ou deixe de existir. Ele existiu, existe e existirá enquanto houver condições como as do subdesenvolvimento, que forcem o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana. O que acontece é que ele vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem-feita. E pode mesmo chegar à etapa onde os temas rurais são tratados com um requinte que em geral só é dispensado aos temas urbanos, como é o caso de Guimarães Rosa [...] (CANDIDO, 2002, p. 86-87).

Candido garante que, enquanto existir subdesenvolvimento, haverá obras que possam apresentar características regionalistas. Ele afirma que essa tendência pode evoluir, tornar-se mais apurada, como consta na obra rosiana. Elas representam um salto qualitativo por trazerem maior liberdade ficcional, a presença do misticismo e outras marcas que garantiram o sucesso de *Sagarana* e *Grande sertão: veredas*:

Mas *Sagarana* não vale apenas na medida em que nos traz um certo sabor regional, mas na medida em que constrói um certo sabor regional, isto é, em que transcende a região. [...] Por isso, sustento, e sustentarei, mesmo que provem o meu erro, que *Sagarana* não é um livro regional como os outros, porque não existe região igual à sua, criada livremente, pelo autor com elementos caçados analiticamente



e, depois, sintetizados na ecologia belíssima das suas histórias.  
(CANDIDO, 2002, p. 185)

As narrativas rosianas conseguiram ultrapassar o regional ao incorporar valores universais de humanidade no contexto local. Enquanto o Regionalismo é visto como uma forma superada pelo tradicionalismo do romance urbano, existe a quebra de visão quando há a inserção do regional numa conjuntura ampliada, quando o regional e o urbano passam a coexistir. Candido (1987) afirma que a figuração desse período é demarcada por obras que superam o local na busca de uma universalidade que parte do regional, encontrando na investigação da essência humana a fundamentação para um texto que vai além do social. Essa universalidade não desvincula a ideia central do regionalismo, que é o componente nativista, pelo contrário, percebe-se uma assimilação da dialética que engloba todo o contexto literário nacional. Essa dialética parte da ideia de contrapor o aspecto generalizado, visto como urbano, já que as narrativas urbanas dominavam as nacionais, em relação ao contexto particular das regiões, sejam por aspecto social, econômico ou ideológico.

No ensaio “A nova narrativa”, Candido continua a discussão que traçou desde *Formação da literatura brasileira*, sobre o Super-regionalismo. Destarte, essa fase, que é iniciada por Guimarães Rosa, é apresentada de maneira mais clara, período de inovações temático-formais do escritor. Ao rever o trajeto do regionalismo na história da literatura brasileira, o autor percebe a confluência final do local e do mítico nas narrativas rosianas, como se tudo o que havia sido construído até aquele momento chegasse ao seu ápice. Candido (1987, p. 207) aborda como as narrativas rosianas perpassavam caminhos perigosos do Regionalismo, mas que elas alcançaram “o mais indiscutível universal através da exploração exaustiva quase implacável de um particular que geralmente desaguava em simples pitoresco”. Ele consegue aceitar o perigo, enredando-se pelo regional de forma a anulá-lo como particular, ampliando-o em valor universal. Fazendo isso, aceita que ainda existe vida no sertão brasileiro e desconsiderar isso é apagar a cultura das regiões de compõem o país.

Em estudo sobre a ideia do Neorregionalismo, Oliveira Brito (2017) apresenta como características principais dessa tendência a autonomia das personagens femininas, independente de qual fosse o gênero do autor; o espaço, passando a ser participativo nos enredos, sendo não determinante, mas influenciador, podendo até se tornar personagem; a memória, que referenda as tradições regionalistas e a

resistência à cultura globalizante. O autor aborda afirmativas de Candido que abarcam a não simplificação temática e a exploração do espaço e dos diversos personagens presentes em cada obra. Mediante os estudos de Candido e de Oliveira Brito, convém problematizar os aspectos regionalistas em obras de autores contemporâneos. Duas vertentes críticas, que se confrontam sobre a continuidade ou não dessa tendência, baseiam-se na ideia de que, com a narrativa rosiana, o regionalismo torna-se “superado” e “morto”, em que o Super-regionalismo significa o findar para a questão local; e do outro lado a afirmação de que o Regionalismo permanece, enquanto perdurar o curso do subdesenvolvimento, ou seja, sustenta-se na incorporação estética de regiões em que a globalização não se realizou de forma homogênea.

A partir da década de 1960 e 1970, as narrativas passam por uma mudança de perspectiva na visibilidade da personagem e na inclusão do local no processo de globalização que engloba o papel da mulher, a união dos espaços regionais e urbanos, ou o reconhecimento da sua coexistência, a presença do místico nos mais variados temas, a aproximação da linguagem ao leitor e o não distanciamento do narrador. Todavia, apesar dessas características se introduzirem nas obras contemporâneas, ainda existia uma forte marca regional que tornava difícil a incorporação dos escritores que pareciam misturar essências tão variadas. Esse formato de escrita influenciou diversos escritores na literatura contemporânea brasileira, entre eles, Ronaldo Correia de Brito.

### **3 *Inácia Leandro*: uma história de amor e vingança**

Situar obras em algum momento da construção literária é importante para a compreensão das escolhas temáticas e como fundamento para as escritas que virão. Sabendo disso, é importante destacar que a adequação é necessária, porém, com o desenvolvimento da literatura e a inserção das obras em diversos âmbitos literários, elas podem vir a encaixar-se em mais de uma vertente. A análise para aferir se a obra de Ronaldo Correia de Brito é parte do Neorregionalismo decorre de alguns fatores, como a religiosidade, os nomes bíblicos, a caracterização de certas regiões interioranas, a descrição local, além das lembranças e das memórias dos personagens. Em suas obras, as narrativas baseiam-se em algum tipo de drama familiar que envolve o espaço como um traço importante para formulação da história,

onde há uma quebra de expectativa ao notar-se a disposição dos protagonistas de forma incomum. Nas obras *Livro dos homens* e *Faca*, a presença da marginalização, da voz feminina, do espaço, dos problemas sociais que surgem de maneira implícita, tornam os contos um rico aglomerado de indícios que revelam a realidade do interior de maneira a levar os seus temas para um âmbito universal.

Apesar de lidar com temas e personagens com marcas regionais, Ronaldo Correia de Brito aborda suas obras de forma que, independente da região, há uma aproximação com quem lê. Ele mostra que os problemas são de todos, as complexidades humanas são vividas e experienciadas e isso independe da questão espacial. Ao tratar sobre vingança, traição, morte, amor e família, o escritor alcança o leitor através de uma linguagem que é de fácil compreensão e interpretação, utilizando termos comuns que visam retirar a distância que existe entre o narrador e o leitor. A forma como a narrativa do autor opera a incorporação estética do sertão é um fundamento relevante para situar suas obras na tendência regionalista. Quando se fala nas questões espacial e temáticas, não há como separar, então, na atualidade a realidade da população regional e urbana, uma vez que os problemas são gerais e o reconhecimento do subdesenvolvimento atingiu várias camadas da população.

Compondo o livro *Faca*, o conto “Inácia Leandro” contextualiza os principais aspectos do Neorregionalismo, ao mostrar o sertão como um espaço tanto geográfico, no sentido territorial, como simbólico, em textos curtos que conseguem sintetizar a realidade e a interferência mítica. Na narrativa, percebemos que, apesar da aceitação da globalização, ainda existe uma escolha ou necessidade de manter-se vivendo no sertão. Ela se constrói com base na história da personagem Inácia Leandro e suas memórias no contexto familiar, amoroso e religioso. O texto inicia com a viagem de seu irmão Pedro Leandro, com quem não mantém um bom relacionamento, devido à morte de seus pais e à divisão de terras. O medo dela começava a ser revelado no decorrer do conto, por morar sozinha, depois por conta das histórias de morte e vingança que são contadas pelo povo. Após a viagem do irmão, um temor surge em Inácia que passava a refletir sobre a origem de tal sentimento. O relato de vingança mais famoso que prenunciava a inquietação da protagonista é uma briga por conta de um cachorro.

A história começou, ao que contam, por causa de um cachorro. [...] O coronel sentiu-se ofendido e no direito de ir às armas. Matou o

cachorro com um único tiro na testa. [...] O coronel repôs o revólver no cinto, não olhou para trás e prosseguiu a caminhada. Um mês depois, encontraram-no caído no meio de um pasto, onde costumava olhar os rebanhos. Tinha quinze chumbos no corpo. O cavalo pastava ao lado. A família Feitosa partira três dias antes para o Piauí. (BRITO, 2017, p. 75)

A forma como uma vingança por um motivo torpe aconteceu a assustava e o chegar da noite só revelava todos os receios, levando à reflexão sobre onde estava, e, assim, recordava das rezas feitas por sua família. A presença da religiosidade, além de garantir um sentido místico, fortalece uma postura mantida por diversas obras regionalistas com traços realistas, como as obras do decênio de 30, que revelam a vida da população rústica. Ela se sentia em meio ao “retrato de seus mortos”, já que vivia apenas com as lembranças do passado com a família e as “paredes grossas” que compunham sua casa.

A memória de Lourenço Estevão — seu grande amor, ou talvez, sua lembrança mais feliz — a levou para o tempo em que ela “possuía cor e sonhava com uma vida além daquela casa” (BRITO, XXXX, p. 75). Esse passado de amor vinha juntamente com o boi corredor “Ventania”, que desafiava todos os valentes vaqueiros dos Inhamuns e muitos deles acabavam mortos. A fama era de que, quem o desafiasse, estava com a “morte nas costas”. Lourenço Estevão chegou à fazenda um tempo depois e tinha a fama de fugir por ter causado uma morte. Ela recordava do cheiro dele e toda a aventura vivida. Ele estava jurado de morte e, apesar dos problemas, o que trazia uma rememoração mais intensa à personagem eram os momentos de intimidade. Toda palpitação que causavam os encontros às escondidas. Tudo isso se esvaiu com a notícia de que ele havia partido para enfrentar o boi Ventania e sua morte trágica, ao ser encontrado com cinco balas no corpo, sendo duas entre os olhos, ao lado do boi amarrado. Ela associava isso à volta de viagem do irmão, uma semana depois, que não a conseguia encarar.

A quebra da narrativa ocorre quando, em meio as lembranças, ela escuta uma voz. Eram sete horas e geralmente ninguém costumava passar nesse horário. Ela sentia medo e, enquanto isso, a voz insistia. Após o temor de ser morta como “Antônia Calixto” e sua cachorrinha, ela tomou coragem e foi até a porta. Para sua surpresa, era um homem e este possuía algo conhecido. Havia um sentimento de que algo estava sendo tramado há muito tempo e tudo estava por se encerrar. Ela não conseguia conter a agonia de tantos pensamentos pregressos que rodeavam sua

mente e correlacionava-os ao estranho em sua porta. Na tentativa de fincar os pés no chão, ela pensa ser ele um andarilho que passava pelas estradas do sertão. Para mostrar coragem, abriu uma das portas, o cumprimentou e ele respondeu. Com uma resposta enigmática, ela o deixou dormir no alpendre, já que permaneceria dentro de sua casa:

- Boa noite! Que lhe traz por estas bandas?
  - Volto de uma viagem de muitos anos e já estou perto do meu destino. Peço arrancho por esta noite antes de retomar a caminhada. Só preciso do alpendre de vossa casa e pouco incômodo darei.
  - Desde que parta cedo poderá usar o alpendre. Traz rede?
  - Trago.
  - Pois durma com Deus.
- (BRITO, 2017, p. 78)

Um estranho iria se abrigar ao lado de fora de sua casa e, mesmo sozinha, ela deixara. Inácia acreditava ser melhor demonstrar estar acompanhada, mesmo sem dizer, por precaução, ao não abrir totalmente a porta e responder com segurança. Mesmo deixando isso acontecer, no fundo de suas memórias, ela acreditava que a morte de Lourenço Estevão, mesmo sem nunca ter oralizado seus temores, ter sido causada por seu irmão, o incômodo das imagens em sua mente sobre a viagem urgente de seu irmão no início da história para Icó, faz com que uma solidão pairasse na casa e ela temesse por sua vida.

Com um mugido de um boi no curral, se sente mais tranquila seguindo um ditado popular “onde havia gado não havia desgraça” (p. 78). Vai para o quarto e escuta ruídos do homem do lado de fora de sua casa que depois silenciou. Dormiu, um sono leve, que a fez sonhar com seu grande amor. Acordou de sobressalto com um barulho no telhado, como se telhas estivessem sendo arrancadas com cuidado. Não tinha como gritar ou correr, então esperou. Acreditava ser o homem que estava em seu alpendre que contratado para matá-la, estava destelhando cuidadosamente sua casa para evitar complicações. Quando olhou para fora, viu o homem ainda deitado na rede. Arriscando, com o resto de coragem que lhe cabia, o chamou e contou o que está acontecendo. O ar de familiaridade que ele passava, continuava a inquietá-la e discretamente percebeu duas cicatrizes em sua testa, tal qual possuía Lourenço Estevão. Ela o conhecia bem. Sem demonstrar o percebido, ele pediu para levá-lo ao quarto e solicitou um rifle. Ela, mesmo com receio, entregou a ele, seguindo juntos para o quarto.

Um vulto descia por uma corda amarrada a uma linha do telhado e outro se preparava para fazer o mesmo. Soaram dois tiros, e Inácia gritou que eles tinham os rostos encarvoados. Caídos no chão, Inácia reconheceu, no primeiro, Pedro Leandro, seu irmão, e no segundo, o seu cunhado. Falou-se que eles haviam ido para matá-la, como falou-se também que Lourenço Estevão, depois de vinte anos de morto, voltara para se vingar (BRITO, 2017, p. 79).

O que passara pela cabeça de Inácia Leandro não era mentira. O irmão, com sede de herança, juntamente com seu cunhado, planejava matá-la. O surgimento de um homem estranho e ao anoitecer em sua porta havia se tornado sua salvação. Com o irmão e o cunhado mortos, não fica claro o paradeiro nem de Inácia, nem do homem que a ajudou.

#### **4 Autonomia feminina, termos e espaços regionais, misticismo**

O título do conto revela um ponto importante: a personagem de mais destaque na história é uma mulher. A presença da voz feminina é fundamental para confirmar a ampliação da autonomia dentro dos enredos, independente do gênero textual e do narrador, que se utiliza do discurso indireto, dando voz à personagem Inácia quando existe a necessidade de um diálogo. Entretanto, esse tipo de discurso usado faz parte de uma escolha inteligente para garantir mais um aspecto Neorregional: o uso do *flashback* num espaço psicológico para compreensão das alegrias e aflições vividas pela personagem nos momentos relatados na narrativa:

A lembrança mais forte, contudo, aquela que ainda lhe queimava o ventre, era a do dia em que o surpreendera banhando-se no açude, num fim de tarde em que passeava montada pela fazenda. Ele a viu e atrevidamente não se mexeu do lugar. Ela gravou uma enorme cicatriz que ele tinha no peito, feitiço de algum punhal. As imagens se confundiam ainda mais. As noites de insônia. O roçar pelas cercas. O medo a fez lembrar-se de Antônia Calixto, uma louca que morava só com uma cachorrinha, numa casa pequena junto ao açude velho, e que andou espalhando que todas as noites, quando se deitava e apagava o candeeiro, alguém batia à sua porta. (BRITO, 2017, p. 76-77)

Mesmo sendo uma narrativa ficcional, ter a noção do ser humano em seus diversos espaços garante que a obra não se distancie do leitor. Considerar uma personagem solteira, que mora numa casa grande herdada dos pais, reconhecendo

seus temores, fraquezas, o amor não correspondido e sua ousadia e coragem diante dos grandes desafios enfrentados ao longo do tempo, é reconhecer que independente de morar na zona rural ou urbana, toda mulher, em sua grande diversidade, tem um papel importante e merece destaque no mundo. Ao vocalizar esse prisma no conto, o autor amplia o contexto regional para um âmbito mais universal, dado que problemas femininos existem e independem do espaço.

“Inácia Leandro” não é o único conto de Ronaldo Correia de Brito que marca a presença feminina em suas múltiplas faces. Porém, ao sobrelevar o sertão, ele traz de maneira mais firme a postura da mulher interiorana, com suas dificuldades para manter-se independente, podendo escolher como viver e com quem viver, lutando por sua voz e revelando variadas facetas das personagens, assegurando um aspecto importante para configurar o regional: a complexidade do ser humano. Enquanto muitas obras, anteriores à contemporaneidade, fundam-se nos aspectos descritivos, ou nos problemas sociais, esse formato de obra possui uma estética que permite uma profundidade no conhecimento humano e seus pensamentos multifacetados. A preocupação não era mais só de uma representação nacional com olhares pitorescos ou focados na marginalização da população. Tudo isso é visto de forma indireta, ou seja, permanece na história, porém, observa-se o interno.

O espaço não é só o físico, é o espaço feminino que habita no íntimo da personagem e promove a sua construção identitária. A personagem pode constituir-se do seu espaço, mas não só dele, e sim de suas vivências, sentimentos, traumas. A personagem Inácia Leandro viveu no interior e permaneceu lá mesmo depois da morte dos pais. Quando pensamos em obras da primeira ou segunda fase do Regionalismo, percebemos a diferença, já que o foco temático não era destacar a internalização feminina. O foco era uma identidade que representasse a todos de forma idealizada, mais descritiva e na defesa das particularidades de cada região, onde o homem rústico não sofria tanta influência urbana e servia para validar uma literatura “puramente” brasileira, negando o objetivo romântico que buscava uma literatura mais nacional.

Na citação da página anterior, podemos enxergar, além da autonomia feminina, um traço que identifica a obra do autor no espectro Neorregionalista: a desmistificação do narrador, que precisava se sentir superior ao personagem, usando uma linguagem rebuscada. Essa inovação não distancia a obra do viés regional, quando observamos

o elemento espacial, mantido em termos como “candeeiro”, “fazenda” e “açude”. Existe a descrição espacial como as obras regionais, mas também existe a evolução quanto a utilização de termos característicos para regiões interioranas. Os candeeiros eram utilizados para iluminar as casas, já que a energia não havia chegado a diversos lugares do país. Banhar-se no açude era comum; a população regional considerava as águas limpas e, assim, essa era uma atividade rotineira, aspectos que não permeiam os livros que têm a ambientação urbana como cenário.

Diversas palavras e expressões rodeiam o conto de Ronaldo Correia de Brito, sendo elas: meia légua de distância; um palmo de chão; moradeiras; ladainha; golpe de vista; boizão dos seiscentos diabos; cerração de unha-de-gato; maracá de lata; arrancho; chocalho das reses. Esses termos são fundamentais para caracterizar e constituir o ambiente construído pelo autor. Para criar uma visualização que permita contextualizar os personagens, o escritor, apesar da utilização da norma-padrão na maior parte do texto, utiliza falas próprias do interior, que para a gramática normativa podem parecer inadequadas, mas que fazem parte da variação regional da língua, garantindo uma verossimilhança com os fatos narrados. A personagem, ao utilizar estes termos, mesmo que em pensamento, afirma a ideia de aceitação quanto ao espaço que a rodeia. Se ela herdou as terras e uma casa, nada a impedia de vendê-las e tentar conquistar algo fora dos Inhamuns. Mas era ali que crescera, onde a realidade era tão devastadora que exigia coragem para ali viver.

Apesar das experiências e lembranças traumáticas, ela ainda permanece no lugar e rememora fatos que a marcaram tanto positiva como negativamente e isso a constitui como um sujeito dono de suas próprias escolhas. Ao assimilar a viagem do irmão com o assassinato de seu grande amor, ela tornou o ambiente de sua casa mais penoso, porém ao recordar do gado mugindo, se acalma. Isso é sinal de que ela já sabia como era viver naquele lugar. O espaço possui duas direções no texto, sendo físico e psicológico. Essa junção certifica que o uso da memória para descrever a realidade marca a renovação escrita para uma obra da tendência regionalista, sendo necessária à sua adequação para o Neorregionalismo. O incremento das minudências da vida e o recurso de revisitar o passado diz respeito a uma rememoração que resiste a uma cultura globalizante e homogênea. Não que em obras anteriores à memória não marcasse presença, porém, na literatura contemporânea, ela demarca um período que resiste e finca os pés no âmbito do regional. Ao mesmo tempo, a



religiosidade se mistura com o misticismo no conto, desvencilhando-se da ideia de que era necessária uma descrição do real: um papagaio volta para assombrar e a crença de que as rezas protegeriam do ainda hoje são atitudes vistas no interior do país.

Candido (1980) lembra que a grandeza de uma obra depende de sua relativa atemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um dado momento e lugar. É neste sentido que Brito mantém a sua individualidade artística, sem afastar-se das características Neorregionalistas, mantendo elementos que problematizam questões sociais, valorizando aspectos regionais sem se perder em uma pobreza panfletária. Ante a negação do autor em ser considerado regionalista, convém lembrar a afirmação de Candido sobre o Neorregionalismo. Essa denominação mostra como

É possível superar o realismo para intensificar o senso do real; como é possível entrar pelo fantástico e comunicar o mais legítimo sentimento do verdadeiro; como é possível instaurar a modernidade da escrita dentro da maior fidelidade à tradição da língua e à matriz da região (CANDIDO, 1987, p. 207).

A junção do místico, do papel ou do protagonismo feminino, as memórias, a concordância da vivência no espaço sertanejo, a apresentação do interior do sujeito como personagem e determinante de suas escolhas, sejam elas com influência ou não, descortinam a revelação, já pontuada sobre a participação de Ronaldo Correia de Brito no universo do Neorregionalismo.

### **Considerações finais**

Inácia Leandro é uma das diversas personagens criada por Ronaldo Correia de Brito. O seu nome, que intitula o conto, aponta para a atualidade do regionalismo, ao atentar para o processo de universalização do sertão. A literatura contemporânea que aborda a temática regional visa sensibilizar o leitor, aproximá-lo do interior do país, sem distanciá-lo de sua realidade, quer ele seja rural ou urbano. Embora haja uma discussão sobre a permanência do Regionalismo, é lícito considerar a afirmação de Candido sobre sua presença na literatura brasileira.

Assim, o Neorregionalismo possui um fértil caminho de estudo já que esta tendência literária, ao longo dos anos, tem sido reformulada e a cada dia são acrescentadas novas características que englobam ainda mais aspectos relacionados a uma universalização. Candido, aliás, compreende o papel do Regionalismo nesse processo, sua importância para a divulgação das realidades que se modificam e se adaptam, às quais levam os escritores a fazer a representação factual de seu meio. Ainda que Ronaldo Correia de Brito reafirme que não é regionalista, os seus textos apresentam diversas características desta tendência. Em “Inácia Leandro”, a sua escolha pela terra, seja porque viu a necessidade de cuidar do que restou da família ou porque gosta de lugar onde vive, desponta como uma dessas marcas.

O Neorregionalismo não se institui apenas pelo uso de uma nomenclatura pitoresca ou exótica, mas como as palavras são utilizadas, como os espaços são apresentados e como os temas são trabalhados de forma que o leitor consiga acercar-se dos fatos. O uso da ficção para descrever essa realidade garante uma liberdade de escrita que não impõe a necessidade de o autor se prender em moldes antigos, a exemplo do misticismo em um texto que pretende firmar um pacto de verossimilhança com o leitor. Sobre o Neorregionalismo, Candido (1987, p. 161-162) constata que ele ultrapassa o pitoresco, fazendo uso do refinamento técnico e de concepções que antes deliberavam ao fracasso, mas que passaram a funcionar, numa visão empírica de mundo onde “tais ingredientes constituem a atuação estilizada das condições drásticas peculiares, interferindo na seleção dos temas e dos assuntos, bem como na própria elaboração da linguagem.” Essa estética suplanta o social ao investigar a essência humana, deixando como foco a reflexão permitida até mesmo para que um espaço físico se torne um personagem ou influencie na constituição de sujeitos.

Não é que não exista mais engajamento social. Os problemas podem surgir na narrativa, porém, em segundo plano. Os padrões antes impostos, até mesmo pelos seguidores do Regionalismo, são superados na literatura contemporânea. O pobre, o marginalizado e a mulher ganham voz, que antes era suprimida por um narrador culto demais para nivelar-se aos personagens. Ronaldo Correia de Brito se opõe a essa visão de mundo. Ao assumir que ainda se utiliza candeeiro, que as medições são feitas por légua ou palmo, que as expressões típicas das populações do interior, existem e permanecem, o escritor demonstra ter conhecimento das variações e das singularidades locais, adequando-as ao que é narrado. Nota-se, enfim, que Ronaldo

Correia de Brito traz em sua obra características Neorregionalistas. O conto analisado corresponde, em grande medida, a uma forma de apreender a realidade na qual o particular absorve e traduz muito do que está contido no universal.

## Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tradição do Regionalismo na Literatura Brasileira: do pitoresco à realização inventiva**. Revista Letras, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008. Editora UFPR

BRITO, Herasmo B. de O. **Antonio Candido: Mudança perceptiva em relação ao Regionalismo e a fundamentação teórica para o Neorregionalismo**. Revista CONTRAMÃO, Teresina-PI, n. 3, dez – 2017.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Faca; Livro dos homens**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017

CANDIDO, Antonio. **Texto de intervenção: 15. Notas de Crítica Literária** - Seleção, apresentação, e notas de: Vinícius Dantas. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2002

CANDIDO, Antonio. **Literatura e cultura de 1900 a 1945**. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5. Ed. Rio de Janeiro. Ed. Nacional, 1980

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. Ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 24, n.9, 1972

SANTINI, Juliana. A Formação da Literatura Brasileira e o Regionalismo. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 1-169, 2011.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e sociedade**, São Paulo, v. 5, p. 45-55, 2000.